

As metrópoles do futuro

WALDIR SALVADOR*

Nas discussões atuais relacionadas ao planejamento urbano dos grandes centros, é cada vez mais comum ouvirmos falar nas chamadas "cidades do futuro". Isso é devido aos problemas crônicos enfrentados por grande parte das metrópoles e megalópoles no mundo hoje — sobretudo as que concentram um grande contingente populacional —, principalmente no âmbito da mobilidade, do trânsito, que está cada vez mais saturado, da ausência de ações sustentáveis e da poluição. Mas o que fazer para mitigar essas questões e se criar centros mais funcionais e que ofereçam qualidade de vida para seus habitantes? Ao se pensar nas possíveis cidades do futuro, arquitetos e urbanistas concordam que é preciso haver um rearranjo das malhas urbanas, com foco em um adensamento planejado que priorize os diferentes usos dos espaços.

Atualmente, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), metade da população global vive em centros urbanos e, até 2050, mais 2,5 bilhões de pessoas deverão se juntar às 3,9 bilhões que já estão neles, principalmente em algumas das regiões mais pobres do planeta. No Brasil, o índice que preocupa é o de automóveis, que cresce a uma velocidade maior do que a estrutura viária. Segundo o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), o número de carros já soma mais de 48 milhões, quantidade que quadruplicará até a metade deste século, ou seja, o trânsito das metrópoles ficará ainda pior. Ao redor do mundo, por outro lado, algumas ações estão sendo desenvolvidas na tentativa de se criarem cidades mais sustentáveis, baseadas nos conceitos de reutilização, coletividade e priorização dos pedestres em detrimento dos veículos.

Considerada a cidade mais sustentável do

mundo, Reykjavík, na Islândia, se tornou conhecida por implementar um sistema de transporte coletivo que opera com ônibus "verdes", que utilizam hidrogênio como combustível. Como consequência, o ar da região é considerado tão puro que atrai turistas de diversas partes. Malmö, na Suécia, quase não tem engarrafamentos, uma vez que a cidade conta com 425 km de ciclovias e boa parte da população realiza suas atividades utilizando as "magrelas". Nos Estados Unidos, o Highline, parque localizado em Nova York, é um modelo de sucesso de reapropriação do espaço urbano, que consistiu no reaproveitamento da estrutura de uma velha ferrovia para criar um jardim suspenso sobre um viaduto, que acabou se tornando um famoso ponto turístico.

Além desses exemplos, que começaram a virar realidade em alguns países, há ainda ações e modelos que estão sendo pensados para se promover centros autossuficientes que estarão a serviço das pessoas, onde seja possível morar, trabalhar e ter momentos de lazer em uma mesma localidade e onde todos se sintam responsáveis pelo meio coletivo. No Brasil, a CSul é um dos maiores projetos de centralidade urbana do país nesse sentido, que está sendo desenvolvido no Vetor Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, e que já contempla, em seu *masterplan*, conceitos e aplicabilidades que farão parte das chamadas cidades do futuro, como o uso misto dos meios de transporte, com preferência para ônibus, metrô e bicicletas, e a interligação de praças e parques por meio de áreas verdes.

Estudiosos apontam que, daqui a alguns anos, com o planejamento mais efetivo das cidades, as empresas se empenharão para conscientizar seus funcionários sobre a importância do sistema de carona e do rodízio de carros. Também serão desen-

volvidos nas indústrias programas de redução de embalagens e de emissões de CO2 na atmosfera e um sistema de logística de circulação de produtos baseado no compartilhamento com outras companhias.

Com o intuito de diminuir os deslocamentos e eliminar a dependência de veículos motorizados, a ideia é concentrar a oferta de empregos perto das moradias. As casas, por sua vez, serão mais versáteis e reduzidas e irão conferir diferentes usos a um mesmo cômodo, além de valorizar mais as áreas externas, a fim de proporcionar um contato maior com os vizinhos. A população, no geral, também utilizará a metodologia dos "Cinco Rs" (refletir, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar) na hora de comprar e irá aderir a sistemas de reaproveitamento da água e do lixo.

Diante desse cenário de perspectivas e projeções, em que ainda estamos dando os primeiros passos em direção ao (re)planejamento das cidades, cabe ressaltar que, antes de qualquer mudança estrutural ou de implementar o uso de tecnologias que auxiliem nesse processo, é preciso que as cidades e, principalmente, as pessoas que a ocupam se reinventem e repensem seus hábitos, pois a mudança é, antes de tudo, cultural. Em um contexto em que 2 milhões de pessoas morrem, por ano, em decorrência de doenças e complicações devido à qualidade do ar nos grandes centros, as metrópoles do futuro só começarão a fazer parte do nosso presente no momento em que percebermos que, assim como um corpo humano, o lugar em que vivemos também é orgânico e necessita se adaptar às mudanças ao longo do tempo.

* Superintendente da CSul Desenvolvimento Urbano